

JAZZ
26 SETEMBRO 2015
CICLO "ISTO É JAZZ?"
COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

Mette Rasmussen

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Saxofone alto Mette Rasmussen

Sáb 26 de setembro
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

O efeito de um vendaval

Mette Rasmussen. O nome é ainda pouco conhecido em Portugal, assim como o é em toda a Europa mais a Sul e no outro lado do Atlântico – na Escandinávia, pelo contrário, já conquistou um estatuto especial. Por cá, quando se fala em mulheres saxofonistas, os primeiros nomes que nos vêm à ideia são os de Ingrid Laubrock, Lotte Anker e Christine Abdelnour. A seguir, os melómanos mais conhecedores dos meandros do jazz criativo e da música livremente improvisada juntam os de Maguelone Vidal, Alexandra Grimal, Franziska Schroeder e Jessica Lurie. Ao fazê-lo, verificam que nunca como agora houve tantas saxofonistas femininas a ganharem destaque. Sinal dos tempos? Uma indicação de que a hegemonia masculina destas áreas da música está a mudar?

Pois Mette surgiu neste panorama no último par de anos com o efeito de um vendaval, e isso porque o que faz com um saxofone alto é extraordinário. Inacreditável mesmo. Ao nível técnico e ao nível da inventividade, ao mesmo tempo contradizendo aquela preconceituosa noção de que as mulheres tocam “delicadamente” porque lhes falta a hormona do expressionismo jazzístico. São muitos os queixos que ela tem feito cair, produzindo sons que não sabíamos serem possíveis com o instrumento inventado por Adolphe Sax... Justificadamente ou não (porque Rasmussen também gosta de visitar o mundo liliputiano dos detalhes), alguma crítica chega inclusive a rotular a sua

abordagem como *noise*. Conta a própria dinamarquesa que está a surpreender o público, em todo o lado onde atua: «Num concerto em Berlim, no A L'Arme Festival, que fiz há umas semanas encontrei o melhor sistema de som que me podia ser disponibilizado. Usei dois microfones e as frequências altas ultrapassaram os 10 000 Hz.»

E no entanto, Mette Rasmussen desvaloriza o fator género. Ou melhor, adota uma postura de *gender bending*: «Sim, sou uma mulher, mas isso não é determinante. As pessoas com quem toco são grandes músicos, pouco me importando qual é o género deles. Acho que “feminino” não tem necessariamente de equivaler a mulher e “masculino” não tem de equivaler a homem. É isso que está a mudar e essa transformação tem acontecido naturalmente. Somos todos iguais, independentemente do género, da idade, da religião, da raça ou da orientação sexual. Pela minha parte faço o que é suposto fazer: o meu foco está em tocar música improvisada e não em ser uma mulher que toca saxofone.»

A verdade é que a matriz da música tocada por Mette está no jazz mais musculado que vem existindo, e designadamente na tradição brutalista representada por Albert Ayler e Peter Brötzmann. É à influência de ambos que deve o seu estilo rude, agreste e cortante. «Ouvi muito Ayler quando era adolescente e estava bastante dentro do lado espiritual da sua música. Ele tinha um som cru e humano, rico em harmónicos. Recordo-me de ouvir vezes sem conta, com os auscultadores, as

entrevistas que deu na Dinamarca entre 1964 e 1966», comenta.

Ainda assim, a saxofonista procura ir para além das coordenadas discursivas, e de fraseado, distintivas daqueles dois ícones e da generalidade do *free jazz* e da *old school* da improvisação. Fá-lo por meio da construção de texturas abstratas, na linha de sopradores ditos “reducionistas” como Jean-Luc Guionnet, Stéphanes Rives ou a acima mencionada Christine Abdelnour. Para ela, é simplesmente um recurso mais no âmbito do que se pode fazer: «Trabalho com diferentes técnicas e o que me inspira é... tudo, desde velhos discos de jazz ao som da minha bicicleta quando subo a colina onde vivo. Uso a minha linguagem, o meu vocabulário, para improvisar com os outros, e esse vocabulário integra elementos variados. Se em alguns momentos não surgem é porque estariam fora de contexto. Não é algo em que eu pense muito.»

Nesta vinda a Portugal, um mês depois de ter participado no Jazz em Agosto integrada na Fire! Orchestra, Mette Rasmussen surge num formato bem difícil, o solo. Algo a que poucos se atrevem com um saxofone desde que Coleman Hawkins gravou um tema sem acompanhamento, *Picasso*, em 1948, e Anthony Braxton lhe dedicou todo um disco em 1970, *For Alto*. Apenas os muito grandes o fizeram, a exemplo de Sonny Rollins, Steve Lacy, Evan Parker, Joe McPhee, David S. Ware ou David Liebman. «Só à terceira vez que fiz um concerto a solo me senti ligada a este tipo de situação. Antes disso a improvisação significava para mim a comu-

nicação estabelecida com quem toco. Custou-me descobrir a enorme dose de liberdade que há num solo. É isso que assusta no início, mas estar sozinha no palco não constitui uma limitação, antes maximiza todas as possibilidades com que me deparo», refere a propósito.

De qualquer modo, é a pequenos grupos (duos, trios e mais raramente quartetos) que Mette dá mais atenção. Sobretudo o primeiro caso, buscando como interlocutores figuras como os bateristas Chris Corsano, Steve Noble e Corey Fogel ou como o manipulador de eletrónica Dennis Tyfus: «Gosto dos resultados produzidos por dois instrumentos, para além de que o diálogo é instantâneo e direto. Valorizo a interação musical com outros músicos e a situação que mais me coloca à beira do precipício é, precisamente, o duo. Não se trata de uma preferência, mas é por aí que as coisas têm seguido.»

Se os seus duos são voláteis, Rasmussen tem um trio fixo com um projeto específico, o Trio Riot. Específico porque pratica um jazz fortemente marcado pelas pulsações do *punk*. Mas não só pelos seus *riffs* tão característicos: a atitude, os aspetos formais, a dureza sonora e os aspetos políticos que estão por detrás são clara e assumidamente *punk*. Afirma ela: «*Punk* é tudo isso! A rebeldia não é algo que se esgote, ou pelo menos não devia. Temos de questionar o mundo em que vivemos, os governos, os *media*, não acreditando cegamente em terceiros. É preciso pensar sobre os problemas e debatê-los, e é necessário expressar essas ideias. O *punk* é isso, nos dias de hoje. Nunca

devemos utilizar o Estado como uma desculpa para a ética.»

Mette Rasmussen. Um novo e especialmente cativante nome que se acrescenta ao rol de músicos escandinavos que vimos descobrindo. Radicada na Noruega, que é a principal plataforma da música inovadora que se pratica a Norte, daí tem feito o ponto de partida e chegada das suas cada vez mais frequentes digressões. «Decidi viver neste país quando vim terminar o meu mestrado em Trondheim. Já cá estou há sete anos e tenho ouvido muitas coisas interessantes sempre que me desloco pelas cidades e pelas nações à volta. Sim, é verdade: há uma cena muito forte a acontecer por aqui», remata.

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta,
editor da revista online *jazz.pt*

Mette Rasmussen é uma saxofonista dinamarquesa sediada em Trondheim, na Noruega. Trabalha na área da música improvisada, revelando um largo espectro de influências. Desde o *free jazz* dos anos 50 do século passado a trabalhos de um som “textural”. Explora a crueza natural do seu instrumento, experimentando também o som e o timbre do saxofone em novas direções.

Começou a tocar música livremente improvisada numa fase muito inicial da sua carreira. Trabalhou tanto a improvisação livre como a composição com a banda dinamarquesa Saft. No último par de anos tem participado em diversos grupos e em formações ocasionais. Toca sobretudo pela Europa, em especial na Escandinávia. É membro do Trio Riot, uma banda suíça e britânica de jazz *punk* que se tem apresentado sobretudo no Reino Unido. Em 2013 formou um dueto de saxofone e bateria com o baterista americano Chris Corsano, com quem tem feito digressões pela Europa (sobretudo Escandinávia), Estados Unidos e Canadá. O duo gravou este ano o seu primeiro CD, *All The Ghosts at Once*, para a etiqueta Relative Pitch Records.

Para além dos concertos a solo que tem feito por todo o mundo, toca com o novo trio de Alan Silva e Ståle Liavik Solberg, a Trondheim Jazz Orchestra e a Fire! Orchestra, colaborando ainda com músicos como Rudi Mahall, Steve Noble, Axel Dörner, John Edwards, Pat Thomas e Craig Taborn.

Próximo espetáculo

House of Dance

de Tina Satter

Teatro Sex 9, sáb 10, dom 11 de outubro

Ginásio CGD · 21h30 (dom 17h)

Duração: 1h10 · M12



© They Brooklyn

Sapateado, tensões que brotam e sonhos que regressam à vida num espetáculo a que o *New York Times* chamou “encantadoramente excêntrico”, servido pela escrita irónica e generosa de uma das mais entusiasmantes criadoras nova-iorquinas.

Próximo espetáculo de música

Nuno Costa Detox

Ciclo “Jazz +351”

Comissário: Pedro Costa

Jazz Sex 9 de outubro

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6



“Dá prazer ouvir e nunca é previsível. Não sinto que seja preciso pedir mais de um disco.” Mário Laginha sobre *Detox*, que estará na base deste concerto.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração**Presidente**

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores**Dança**

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições**Coordenação de Produção**

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt